

---

# Imaginação partilhada

---

Entrevista concedida pelos artistas do *Imaginário Periférico* – Deneir Martins, Jorge Duarte, Julio Sekiguchi, Raimundo Rodriguez, Roberto Tavares, Ronald Duarte, Carlos Eduardo Borges e Hélio Branco – por email a David Ribeiro, Lúcia Dabul, Luciano Vinhosa, Luiz Sérgio de Oliveira e Martha D’ Ângelo, em março e abril de 2009

## **1 - Poiésis: Para começar, gostaríamos que falassem sobre o Imaginário Periférico, como e por que foi fundado. E também: trata-se de um coletivo ou de um grupo de ações?**

Jorge Duarte: O Imaginário Periférico é fruto do envolvimento afetivo de seis artistas com uma região que os viu crescer, que marcou profundamente a visão de mundo de cada um, e de onde emergiram apesar do clima árido, extrapolando seus limites. Também é consequência da longa amizade que une seus fundadores - Deneir Martins, Julio Sekiguchi, Roberto Tavares, Raimundo Rodriguez, Ronald Duarte e eu. O Imaginário Periférico é um produto invertido das políticas culturais desenvolvidas nos municípios da Baixada Fluminense. Essas políticas operam achatando a expansão dos bens culturais e sua potência renovadora em nome da manutenção de um poder e de um domínio exercidos com mais facilidade sobre uma população fragilizada intelectualmente, e, portanto, menos crítica. Essa é uma estratégia que, como sabemos, predomina no país. Apesar de sua proximidade com o Rio de Janeiro, do grande contingente populacional, do grande público potencial, e de uma demanda por produtos culturais que leva muitas pessoas lá da Baixada a buscá-los, quando podem, no Rio de Janeiro, apesar disso tudo a indústria cultural nessa região continua tímida demais.

O Imaginário Periférico nasceu de uma necessidade compartilhada por seus membros, de desencadear ações culturais alternativas nas suas comunidades de origem - onde, aliás, a maioria ainda vive - ocupando parte de um enorme vazio, ao menos em relação às artes visuais. Decidimos inicialmente implantar um centro de arte bastante completo, com oficinas,

ateliês, cursos, biblioteca, sala de vídeo etc. em algum ponto estratégico da Via Dutra. Havia, em torno de 2001, um patrocínio suficiente para essa implantação, lançado em concurso para projetos culturais pela Petrobras. Não tendo sido contemplados, partimos para a realização de uma série de exposições na Baixada, subúrbios do Rio, Estação da Central do Brasil e cidades vizinhas, buscando preferencialmente um público novo e sem acesso ao circuito de arte. Incluímos desde as primeiras mostras, além dos fundadores, outros artistas e, em número cada vez maior, até chegarmos às convocatórias abertas. Os eventos foram também, aos poucos, incluindo outras manifestações artísticas como dança, música etc.

## **2 - Poiésis: Essa perspectiva de criação de um centro de artes, além de cursos, oficinas, bibliotecas, garantiria um endereço fixo. Como avaliam essa mudança nos planos originais, essa mobilidade (e imaterialidade)? Pode-se dizer que o Imaginário Periférico é um grupo-sem-teto?**

Ronald Duarte - O Imaginário Periférico tem teto, lonas, ginásios, bares, trens, vagões, circos e todas as formas de abrigar iniciativas que reúnam os artistas da região onde estiver atuando. E se existir um galpão Periférico, ele não impedirá que façamos as ações nômades.

Helio Branco - Não diria sem-teto, se se entender por aí a busca de um abrigo para o grupo. Mas aposto numa noção de deslocamento conjunto, um comportamento de enxame, polinizando possíveis novas florações de ideias e contextos de trocas.

## **3 - Poiésis: Parece não ser mais uma preocupação efetiva do Imaginário Periférico a maior aderência e reverberação de suas ações na própria região da Baixada Fluminense. A esse respeito, quando o grupo pensa em periférico, isso se dá em relação a quê?**

Carlos Borges - Quando o grupo fez a sua primeira exposição, no SESC, recebeu um convite para ampliá-la para mais uma unidade, a de Nova Friburgo. Surgia aí o primeiro convite para incluir mais dois artistas. Identificou-se então que as carências e os problemas que justificaram a exposição não eram uma exclusividade da Baixada, mas da periferia de um modo geral. No caso, a periferia de um grande centro como o Rio.

Ronald Duarte - Continuamos a atuar também na Baixada e noutras áreas periféricas, e o intuito de sempre foi estender as ações a todas as cidades que querem investir em alguma atividade artística no que consideramos periferia.

#### **4 - Poiésis: Quais as implicações da opção por “um público novo e sem acesso ao circuito de arte”, mencionada por Jorge Duarte?**

Helio Branco - Implica repensar como, em um sistema mundial de comunicação altamente desenvolvido e apoiado na articulação de determinadas lógicas das imagens e das narrativas, podemos ativar a vibração que as pessoas emanam e que acabam muitas vezes domesticadas para um consumo acrítico.

Ronald Duarte - São muitas as implicações, porque não temos o controle do que podemos causar. Cada um, nesse público novo, tira as suas conclusões, sejam éticas, estéticas ou mesmo políticas.

#### **5 - Poiésis: Quando o Imaginário Periférico aceita promover uma ação / exposição / projeto em um museu de arte, há um recuo em relação à intenção original de atingir um público diferenciado?**

Ronald Duarte - Pelo contrário. Vemos como mais uma possibilidade de apresentar a produção de uma galera que não mostra muitas vezes em outro lugar, a não ser quando é convocada pelo Imaginário Periférico.

Helio Branco - Não entendo como recuo, porque a possibilidade de atuação em um museu, exatamente por seu caráter legitimador, permite-nos avaliar em que grau nossas articulações suportam essa proximidade e se mantêm válidas fora dele.

#### **6 - Poiésis: O Imaginário Periférico se utiliza frequentemente do modelo “exposição”. Essa não seria uma postura conservadora, que enfraqueceria as intenções políticas do grupo?**

Ronald Duarte - Já fizemos feiras, circos, passeatas, e quase sempre é cada um com o seu trabalho, e culminando, sim, em uma exposição. É a maneira que sempre aconteceu. Pode ser que aconteça de maneira diferente, mas isso não enfraquece nenhuma intenção, seja ela política ou mesmo estética.

Helio Branco - Somos artistas visuais com bastante experiência em exposições difíceis. Seria tolo abrir mão desse modelo. Ele é bom para que não fiquemos nos demorando em pedagogias da arte quase sempre desnecessárias. A proposta do grupo, o desafio em realizar obras para lugares não artísticos, não é uma exigência. Alguns artistas participam apenas comparecendo e compartilhando o momento.

**7 - Poiésis: O Imaginário Periférico tem realizado suas ações / intervenções em diferentes espaços, desde os mais tradicionais (como museus) até os não consagrados à circulação da arte (campos de futebol, por exemplo). Como decidem que espaços / ações interessam aos objetivos do Imaginário?**

Carlos Borges - Não há uma decisão estratégica, planejada. As propostas é que se viabilizam ou não. Elas chegam por pessoas diversas e cada um vai aonde e quando pode e quer.

Helio Branco – A decisão é orgânica. Cada proposta surge no entrelaçamento da rede relações do propositor. Então, se ele for capaz de convencer outros integrantes do grupo a colaborar, mostrando a viabilidade da proposição, o projeto segue em frente. Muitas vezes boas idéias ficam pelo caminho, de acordo com as condições que se apresentam, mas não existe fechamento. É preciso clareza na garantia de que a concepção e a condução do processo, que nasce da ideia e leva até o evento, ocorra em condições viáveis para a participação de boa parte do grupo.

Ronald Duarte – Adequação, hibridismo, metamorfose são palavras que fazem parte do vocabulário periférico. Somos nômades, deambuladores do espaço. Não excluímos nada nem ninguém. Portanto, se um dia fizermos um evento em uma cerâmica, será o local possível, livre para cada artista fazer o que bem entender que seja arte.

**8 - Poiésis: Há algumas décadas, e em diferentes partes do mundo, os artistas têm procurado enfrentar as instituições de arte de maneira a reter algum controle sobre suas obras e sobre as relações que se estabelecem a partir dessas obras em circulação. Essa preocupação permeia as reflexões, ações e projetos do Imaginário Periférico?**

Ronald Duarte – Não. O Imaginário Periférico tenta há algum tempo dialogar de forma saudável com as instituições de arte, o que já conseguimos algumas vezes. Mas não temos preocupação alguma em sermos ou não capturados pelo sistema. Somos todos independentes e livres para qualquer tipo de acordo institucional. Mas ninguém é o Imaginário. Cada um responde por si. O Imaginário Periférico é impegável, é impossível de se capturar.

### **9- Poíesis: Tendo deixado para trás os limites da Baixada Fluminense e das periferias da Baixada, como o Imaginário se relaciona com as instituições do sistema de arte carioca?**

Ronald Duarte - Não é verdade que deixamos a periferia pra trás. Ultrapassamos sim os limites geográficos. Porém, temos vários projetos pra Baixada, São Gonçalo etc. E a relação com os espaços é igual em qualquer lugar.

Helio Branco - É preciso entender que a movimentação do grupo não pode ser tomada como uma meta apontada para um objetivo específico. Se não temos realizado intervenções em lugares da periferia, é porque recebemos uma enxurrada de convites, a princípio interessantes, de proveniências as mais diversas. Somando-se a isso, os compromissos pessoais de cada um dos que se incumbem de propor projetos ao grupo e que atuam nessas áreas periféricas podem, em dado momento, não permitir articulações proveitosas.

Carlos Borges - Artistas de Nova Friburgo puderam expor no Rio após entrarem em contato com o Tavares, como curador, por meio do Imaginário Periférico. Para alguns deles foi um incentivo muito importante.

Deneir - O Imaginário Periférico não deixou os limites da Baixada e nunca se chamou Imaginário Periférico da Baixada Fluminense. Ele aglutinou artistas vindos de várias regiões como Zona Sul, Centro e do interior do Rio de Janeiro. Criou assim uma estrada de mão dupla, convidando artistas para suas ações na Baixada e levando, também, artistas da Baixada para outras regiões.

### **10 - Poíesis: As convocatórias do Imaginário Periférico se caracterizam por serem abertas, não seletivas. Nas exposições ou eventos promovidos pelo grupo a discrepância na “qualidade” dos trabalhos fica evidente. Se não é a “qualidade”, qual seria a questão trabalhada pelo grupo?**

Ronald Duarte - A questão é a liberdade de expressão, a abertura para muitos mostrarem o que vêm desenvolvendo. E cada um responde por si, seja com trabalhos geniais, seja com o seu trabalho inicial.

Carlos Borges – É a oportunidade de convivência de artistas em início de carreira com outros com mais experiência, de vivenciarem algo diferente expandindo suas concepções do que



Imaginário Periférico

**Plástico Sonoro: onde eu tô, a lata tá**, 2004

<http://picasaweb.google.com.br/artistaperiferico/>



Imaginário Periférico

**Plástico Sonoro: onde eu tô, a lata tá**

Manifestação urbana, Pau Grande, 2004

<http://picasaweb.google.com.br/artistaperiferico/>

é ou não chamado de arte. Há a oportunidade de proximidade informal, pessoal. E também, eventualmente, de receber uma crítica, discutir um trabalho, uma idéia. Já para os artistas “profissionais,” há uma dimensão afetiva muito importante também. Vão para se divertir, tomar uma cerveja com os amigos - um bom pretexto para encontrar gente querida.

**11 - Poiésis: Quando o Imaginário Periférico, recorrendo às convocatórias, reúne mais de 300 artistas em uma única atividade, quais são as intenções e consequências desse agigantamento?**

Ronald Duarte - Por ser o único grupo incluyente, acontece essa inflação. As consequências são diluídas em cada acontecimento

**12 - Poíesis: O que o núcleo do Imaginário espera dessas adesões flutuantes de novos artistas? O que, na avaliação de vocês, esses artistas que se aproximam por convocatória esperam do Imaginário?**

Ronald Duarte - O Imaginário Periférico não está interessado em ganhar ou perder nada. As adesões são voluntárias e os desligamentos, também. Penso que os artistas se aproximam do Imaginário Periférico porque querem encontrar seus pares, seus iguais e assim trocar experiências e conhecer mais. E, claro, ser vistos, ter público e sem dúvida, principalmente, mostrar seu trabalho.

**13 - Poíesis: Como definir o Imaginário Periférico? Artistas que, mantendo suas individualidades e subjetividades, eventualmente se reúnem em ações coletivas? Ou um coletivo que tenta dissipar as individualidades em ações mais coletivas, uma quase-subtração de subjetividades?**

Ronald Duarte - A primeira afirmação aproxima-se mais do que é o Imaginário Periférico. Os eventos do Imaginário são suas obras e a compreensão do que é o Imaginário só se dá pela leitura da obra de cada participante. A individualidade é respeitada, mas a forma como são construídos e trabalhados os “acontecimentos” é que o diferencia.

**14 - Poíesis: É possível afirmar que o Imaginário Periférico é um grupo / movimento / ação com um caráter efetivamente político?**

Ronald Duarte - Todo ser humano que vive em sociedade é um ser político. O Imaginário Periférico tem uma postura política intrínseca, pelo próprio modelo de ser: anárquico, sem liderança, incluyente e aberto.

**15 - Poíesis: Vocês acreditam que as ações do Imaginário Periférico podem gerar iniciativas similares? Isto estaria entre as intenções do grupo?**

Ronald Duarte - Acredito que seja difícil alguém querer criar outro grupo parecido. Não precisa, já existe o IP. É só chegar.

Roberto Tavares - O Imaginário visa em suas ações estabelecer modelos em que todas as participações tenham inteira liberdade, uma informalidade artística com um campo vasto de possibilidades estéticas e sem a intenção de romper com nada. O que eu acho que interessa é a possibilidade de divulgar outras produções e assim promover uma troca de experiências.

### **16 - Poiésis: Há de fato contribuições do Imaginário Periférico para uma inserção mais contundente da produção de arte em nossa sociedade?**

Ronald Duarte – Sem dúvida. Não vou citar nomes, mas já saíram do Imaginário Pariférico vários artistas que venderam sua produção toda para uma importante coleção, e alguns que se tornaram grandes produtores e atuantes curadores.

### **17 - Poiésis: Como vocês vêem o interesse acadêmico (esta entrevista para uma publicação de um programa de pós-graduação, palestras em universidades, dissertações) sobre o trabalho do grupo?**

Ronald Duarte - É normal. Vários artistas do Imaginário, inclusive alguns fundadores, já passaram pela academia.

Helio Branco - Penso que a sistematização exigida pela produção acadêmica com frequência tende a buscar em suas formulações um ajuste entre ações e propósitos que, no caso do Imaginário Periférico, paradoxalmente, pode tornar menos nítida a variedade de intenções, muitas vezes contraditórias, que nutrem o grupo.

Deneir - Penso que o interesse acadêmico pelo grupo é maior que o da crítica ou da mídia. Acredito que na história da arte brasileira não tenha surgido antes um coletivo que conseguisse reunir centenas de artistas. Talvez o interesse venha da informalidade, tamanho do grupo e da despreocupação com estilos ou estética pré-definidos.

### **18 - Como a atuação junto ao Imaginário Periférico repercutiu na carreira de cada um de vocês? É possível identificar nas suas pesquisas artísticas alguma reverberação dessas práticas do Imaginário Periférico?**

Carlos Borges – O Imaginário sempre foi um incentivo à produção. Em alguns momentos, um desafio de atender a uma proposta diferente, como os “Objetos plástico sonoros”. Uma



bandeira que fiz para uma proposta do Jorge Duarte acabou levando a mais pesquisas com um determinado material. Houve o caso de um encontro em que os artistas levaram e trocaram trabalhos. Normalmente acontece a troca de idéias, livros, materiais etc. Em um evento, entreguei câmaras de ar do Felipe Barbosa para o Marcos Cardoso. Depois, na exposição, eu as vi sendo utilizadas. Isso foi facilitado pelo encontro do Periférico.

Helio Branco – Pessoalmente, sempre achei problemático o isolamento do artista em seu atelier. Então, integrar um grupo como esse surgiu como um campo de trocas energético, vibrante mesmo, que aceita ser provocado e provoca estímulos e propostas. A arte pode oferecer estados muito intensos de envolvimento que não devem ser amesquinados pelos valores do consumo de bens ou do mercado de arte. Poder compartilhar essas experiências, para mim foi e é o grande ganho.

Raimundo Rodriguez – Acredito que indiretamente o Imaginário Periférico tenha tido algum tipo de influência, pois hoje se tornou muito difícil me desvincular dessa relação. Além disso, o convívio com os outros artistas/membros é muito saudável, já que essa proximidade favorece a reflexão sobre meu trabalho.

Imaginário Periférico  
**“Mac Vazio” Mac** - Niterói - Agosto de 2006 –  
Foto original de Roberto Tavares  
(refotografada por Luciano Vinhosa)



Imaginário Periférico  
**Colônia Juliano Moreira**, 2005  
Museu Bispo do Rosário  
Refotografada por Luciano Vinhosa  
<http://picasaweb.google.com.br/artistaperiferico/>



Ronald Duarte - Quando criamos o Imaginário periférico, já tínhamos algum espaço no meio artístico. Por isso, achamos que poderíamos abrir as portas para nossos conhecidos da Baixada. Assim, pensamos que poderia existir um núcleo de arte na Baixada. E cada um continuou lutando por um lugar ao sol.

Roberto Tavares – No meu caso é importante frisar que antes desta movimentação do Imaginário Periférico, eu estava vindo de uma participação no atelier coletivo “Alice 190”, juntamente com os artistas Ricardo Maurício, Ricardo Basbaum e Ivo Ito, localizado em pleno bairro de Laranjeiras. Nesse período (1990) eu fazia constantemente a ponte Zona Sul/ Baixada e pensava em questões referentes a essas realidades culturais. A criação do Imaginário teve, para mim, uma repercussão de grande valor pessoal. Com ele, eu assumia e valorizava o meu posicionamento social, oportunizando o diálogo e a divulgação da minha obra junto a um novo público, participando da fundação de um movimento com um grupo de artistas coeso e representativo de um território mais amplo e significativo das artes plásticas. E quanto às minhas pesquisas artísticas, houve sim uma reverberação nos trabalhos que tinham propostas instalativas, uma vez que eram ações em espaços abertos e diferenciados, possibilitando infinitas investigações.

Jorge Duarte – O Imaginário Periférico destaca-se como uma atividade diferenciada dentro das diversas atividades que uma carreira normalmente leva um artista a exercer. Tornei-me produtor de alguns eventos, participei da maioria que fizemos e isso se soma ao meu currículo. Mais importante do que isso tem sido a troca permanente de ideias com os integrantes do grupo, consolidando não só longas amizades, mas, também, abrindo novas oportunidades de relacionamento, influenciando na formação de todos nós como artistas, intelectuais e indivíduos. Quanto à minha produção individual, creio que pensar em obras endereçadas a determinados eventos nossos tem servido para eu criar coisas que talvez não fizesse espontaneamente - desvio de rota que, aliás, gosto de fazer quando me convidam para coletivas temáticas, por exemplo.

Deneir – Ao longo de minha carreira como artista plástico nunca me preocupei muito em mostrar minha produção. Enfatizei mais as pesquisas de materiais e meu trabalho em escolas públicas como arte-educador. Com a formação do Imaginário Periférico me animei mais em expor. Intensifiquei minha pesquisa com materiais “pobres”, como latas, alumínio, metais em geral, cujo resultado denomino Arte Vira-lata. Resumindo, o Imaginário Periférico tem sido importante na minha carreira artística.

Julio Sekiguchi - Participar de ações coletivas do Imaginário forçou-me a pensar sobre questões importantes para minha produção artística, tais como “qualidade estética”, autoria, curadoria, originalidade. No entanto, estas mesmas questões, quando confrontadas com os problemas encontrados na periferia, produzem novas informações. A arte pela arte existe nas CNTP (condições normais de temperatura e pressão), que são relevantes, importantes e também fazem parte do conjunto da cultura. O produto arte + sociedade é uma outra informação, impregnada de uma realidade dificilmente manipulável, pois, a cada momento, transforma-se. É antes de tudo um exercício de paciência. Esta realidade tem cheiro forte, temperaturas variadas, poeira, barro, terra e esterco. O mundo penetra a todo momento nas teorias. Aprendi que ser maleável é uma forma de compreender as contínuas mudanças: observar mais que atuar, e quando atuar aproveitar as condições naturais dos acontecimentos.

### **19 - Poiésis: O que vocês conseguem imaginar para o futuro do Imaginário Periférico?**

Roberto Tavares - Difícil prever as ações. A dinâmica é essa: quem propõe assume a produção da ação. Portanto, se houver interessados em propor novas ações, o Imaginário Periférico continuará a existir. Temos várias propostas que dependem de tempo para a execução. Por exemplo: “Imaginário Flutuante”, de Carlos Borges; “Performance Plástico Sonora - Por um Rio de Risos”, de Jorge Duarte; “Sociedade para uma estética livre”, de Julio Ferreira Sekiguchi; “Fogueira das Vaidades - convite para uma morte anunciada”, de Raimundo Rodriguez; “Linha do Trem”, de Helio Branco; “Estado Periférico”, de Roberto Tavares; “Exposição anual - Dia da Baixada 30Abril”, de Deneir Martins.

Ronald Duarte - Uma locomotiva que desloque alguns vagões para várias estações. Nesses vagões acontecerão ações periféricas.

### **20 - Poiésis: Uma última questão: na avaliação de vocês, até que ponto as ações do Imaginário Periférico rompem com o que se convencionou chamar de “arte”?**

Ronald Duarte e Roberto Tavares - O Imaginário Periférico não rompe com nada. Ele vem afirmar que existe uma produção periférica e que ela deve ser vista.